

Cadernos Teologia Pública



Igreja e evangelização: provocações da pandemia Parte I - O fim de um mundo?

Organizadores: Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)
ano XVII • número 147 • volume 17 • 2020

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



 UNISINOS

Igreja e evangelização: provocações da pandemia

Parte I - O fim de um mundo?

Apresentação

Este texto é o resultado de discussões realizadas no Grupo de Pesquisa “Teologia e Pastoral” – do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – que reúne pastoralistas, pesquisadores/as e estudantes das Instituições Católicas de ensino e formação em teologia e pastoral de Belo Horizonte: ISTA, FAJE, PUC Minas, Centro Loyola. Ele surgiu como uma possível ajuda para pensar a pastoral durante e após a pandemia. Iniciativas editoriais diversas têm surgido como chaves de interpretação deste tempo, tanto na filosofia quanto na teologia. As leituras e discussões de algumas delas, a organização do “Tecendo redes. Diálogos online de Teologia Pastoral”, com painéis mensais trazendo alguns dos conferencistas previstos para o Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral, organizado pelo Grupo, junto com outras instituições teológicas do país, previsto para maio de 2020, motivaram o Grupo a dizer sua própria palavra sobre os impactos da Covid-19 para a evangelização no Brasil.

Os textos aqui reunidos fazem parte de uma proposta articulada em três eixos: 1. “O fim de um mundo?”; 2. “As dores do parto”; 3. “Vinho novo, odres novos”. Cada eixo é, por sua vez, composto de três capítulos. O primeiro, ao qual o/a leitor/a tem acesso neste número dos Cadernos Teologia Pública, embora não contenha nenhum texto com o tema geral do “fim de um mundo”, deixa entrever, nas contribuições dos diversos capítulos, o impacto da crise da Covid-19 sobre uma visão de mundo. O primeiro capítulo – “Nem invisível, nem silencioso: o vírus entre nós” – escrito pelos filósofos Ricardo Fenati (colaborador no Centro Loyola de Belo Horizonte) e Álvaro Pimentel (professor de

filosofia na FAJE), e pelo teólogo Francisco de Aquino Júnior (professor na UNICAP e na FACAF), propõe, de modo sintético, um apanhado geral dos impactos da pandemia em vários âmbitos da vida. O segundo – “O testemunho do papa Francisco” – de autoria do Cardeal Dom José Tolentino, da teóloga Maria Clara Bingemer (PUC Rio) e do teólogo Geraldo De Mori (FAJE), recolhe os ensinamentos do Papa durante a crise pandêmica na Europa, sobretudo. O terceiro – “A Igreja no Brasil no contexto da pandemia” – traz a entrevista com Dom Joel Portella Amado, Secretário-geral da CNBB, que discorre sobre o impacto da pandemia para as atividades da Igreja Católica no país.

Esperamos que os conteúdos aqui tratados possam ajudar a pensar a pastoral hoje.

Os organizadores.

Igreja e evangelização: provocações da pandemia Parte I - O fim de um mundo?

Organizadores: Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Diretor Adjunto: *Lucas Henrique da Luz*

Gerente administrativo: *Nestor Pilz*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XVII – Vol. 17 – Nº 147 – 2020

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, ESTRS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração: Ricardo Machado e Guilherme Tenher Rodrigues

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004. – v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

Nem invisível, nem silencioso: o vírus entre nós

Ricardo Fenati

Mestre em Filosofia pela UFMG. Professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e
Coordenador da área de Filosofia do Centro Loyola de Espiritualidade Fé e Cultura

Francisco de Aquino Júnior

Doutor em Teologia - Westfälische Wilhelms Universität Münster e
possui pós-doutorado em teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Álvaro Mendonça Pimentel

Doutor em Filosofia pela UFMG e professor do Departamento de Filosofia
da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE

Como tudo que acontece a nós, os humanos, a Covid-19 apresenta questões que solicitam o recurso a mais de uma perspectiva de análise, seja devido à sua complexidade, seja devido à relevância, e mesmo à urgência do seu enfrentamento. Há problemas que solicitam um entendimento a curto prazo e há questões que requerem um esforço paciente e longo de compreensão.

Um olhar à nossa volta, na proximidade mais imediata, já é revelador. A alteração brusca da sociabilidade pode ser vista nas ruas: as cidades estão mais vazias de pessoas e de carros, um silêncio inusitado cai sobre os espaços, habitualmente barulhentos, e nunca tantas pessoas se mantiveram por tanto tempo em suas casas. Visitamos menos uns aos outros, os contatos intrafamiliares se reduziram e a recomendação da necessária reclusão ampliou a solidão de grupos, como o dos idosos, tradicionalmente mais alijados de um contato social continuado.

A esses dados mais imediatos, outros se somam. A convivência forçada nos espaços domésticos, somada à suspensão da atividade laboral, tem levado seja à multiplicação dos conflitos familiares, tal como indicam o aumento da violência contra mulheres e idosos, seja ao incremento das dificuldades de ordem psíquica, como a já observada tendência de crescimento nos indicadores de ansiedade, depressão e outras patologias de ordem psíquica.

Esse novo cotidiano, transparente mesmo ao olhar menos atento, tem como pano de fundo uma crise econômica de grande alcance. Fenômenos como o desemprego, que já era significativo antes da pandemia, se ampliaram e, ao lado da corrosão da atividade econômica motivada

pelas medidas, necessárias, de natureza sanitária, criaram um cenário cujo enfrentamento exige recursos e medidas que excedem em muito as estratégias de que dispomos. A crise não apenas tem efeitos imediatos, mas aponta para a persistência dos problemas, num arco de tempo maior. E aqui a relação tensa com a ação do vírus se impõe: há problemas imediatos a serem resolvidos, e sabemos com que grau de complexidade, e há muita incerteza acerca das consequências de longo alcance que advirão.

Mas se essas questões alcançam a sociedade como um todo, não a alcançam, considerada a sua composição, da mesma forma e nem com a mesma intensidade. A desigualdade social, historicamente endêmica entre nós, evidencia a crueldade e a desumanidade de seus efeitos. Como sabemos, o isolamento social, a necessidade de permanecer mais tempo em casa, traz à tona o grave problema da moradia no Brasil, descuidado por quaisquer políticas de alcance efetivo. Moradias precárias, destituídas de condições sanitárias adequadas, crescem, em muito, os problemas decorrentes da pandemia.

Não são menores as consequências da desigualdade sobre a educação. Se temos problemas com o sistema público de educação, eles se agravaram no atual cenário. A passagem para a modalidade virtual, inevitável, depen-

de da existência, em casa, de condições de acesso ao ensino a distância. Inexistindo tais condições, ou disponíveis apenas num patamar muito precário, avolumam-se os indicadores da desigualdade. Não é preciso insistir que o vigor de um sistema público de educação, sobretudo em sociedades cada vez mais dependentes do conhecimento, é condição insubstituível de cidadania.

Tudo isso nos lembra, o que é próprio dos fenômenos humanos, que acontecimentos como a presente pandemia têm sua realidade própria, dolorosa, desigualmente dolorosa, mas funcionam também como oportunidade de leitura dos tempos e das sociedades nas quais vivemos. Lições as mais diversas brotam do nosso esforço de compreensão, mas, se dependem de nossa atenção, dependem, igualmente ou talvez ainda mais, da atuação das forças comprometidas com as mudanças que se fazem necessárias. Neste momento, trata-se não apenas de manter o comprometimento com o combate ao vírus, com a ênfase nas pesquisas que se ocupam de vacinas e medicamentos, mas de ressaltar que há uma pauta de debates, cuja procedência foi enfatizada pela Covid-19, que deve, esperamos, estar presente na agenda política nacional.

Se essas são as questões que irrompem no primeiro plano e, como se pode perceber, com implicações mais dolorosas, questões de mais longo alcance também estão postas. Expressões como “novo normal” ou “fim de um mundo” assinalam a possibilidade de estarmos diante de uma crise mais ampla de alcance, quem sabe, civilizacional. Se, de fato, para além da grandiloquência das expressões, alguma coisa está sendo gestada, ainda precisaremos de mais tempo para nos certificarmos. Mesmo porque, aqui e ali, onde as restrições estão sendo abrandadas, o que observamos é um retorno aos antigos hábitos, como se a crise fosse, exclusivamente, um intervalo a ser esquecido e desse lugar a uma, enfim, convalescência.

Mas há problemas postos. E são vários. De início, a percepção de que pandemias exigem um sistema de saúde, de natureza pública, capaz de se haver com patologias de largo alcance. Uma maior alocação de recursos, uma melhor distribuição geográfica de instituições hospitalares, a solução de questões sanitárias primárias, tudo isso deve ser objeto de estudos e estratégias de implantação, no curto e médio prazo. Devem entrar de forma mais contundente na pauta pública de discussões as medidas relativas a políticas ambientais capazes, no seu âmbito, de reverter a irresponsabilidade com relação ao meio

ambiente, que tem caracterizado, nesses últimos anos, a atuação do governo brasileiro.

Uma questão mais inquietante, seja devido às consequências a que está associada, seja devido ao seu ineditismo, diz respeito à relação entre a desejável autonomia da pesquisa científica e as normas éticas capazes de impedir desenvolvimentos danosos de longo alcance. À medida que aumenta o nosso domínio da natureza, em que cresce o repertório tecnológico, inclusive no que se refere ao domínio da biotecnologia, fica ressaltada a nossa indignação no que diz respeito a essa temática.

Uma lição a ser retirada dessa longa pandemia é a percepção de que, além de danosa, é ilusória a sensação de onipotência e autossuficiência que marca a modernidade. A devastação humana que estamos presenciando, indiferente à localização geográfica, indica, de forma tão trágica quanto patética, a presença de uma natureza que está longe de subordinar-se à precipitação do desejo humano. A natureza parece estar a exigir de nós maior humildade, na busca do conhecimento, e muito maior comedimento no que concerne às nossas ações e ambições, até aqui, frequentemente, contaminadas pela ganância. O desespero desses tempos, compatível, é claro, com a gravidade da situação, é também um sinal de quão des-

preparados estávamos, e estamos, diante da quebra da ilusão mencionada.

Talvez, caminhando na direção de uma dimensão mais abstrata, e por isso mesmo mais real, é hora de percebermos esse curioso paradoxo entre a expectativa de um desenvolvimento material infinito, agora desmentida, e a absoluta escassez de recursos simbólicos para conviver, seja no nível pessoal, seja no nível mais social, com os limites dentro dos quais transcorre a aventura humana. O que aprendemos com essa pandemia, e essa discussão já começa a se espalhar, é que somos uma civilização que tem mais medo de morrer do que, propriamente, vontade de viver. Na ausência de ideais e valores de mais longo alcance, marcados pela solidariedade entre nós e em relação à casa que habitamos, só restaria mesmo uma busca frenética de proteção.

Mas se a hora é grave, e é, não esqueçamos do que a literatura nos ensina, que não devemos viver oscilando entre o medo e o ódio, e, mais, que “aí onde mora o perigo, mora também a salvação”.



Ricardo Fenati. Graduação em Filosofia pela UFMG (1973), especialização em Filosofia da Linguagem e Filosofia das Ciências pela Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos (1975), especialização em Fenomenologia e Ciências do Homem pela PUC Minas (1974) e mestrado em Filosofia pela UFMG (1989). Professor aposentado do Departamento de Filosofia da UFMG. Professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e Coordenador da área de Filosofia do Centro Loyola de Espiritualidade Fé e Cultura.



Francisco de Aquino Júnior. Graduação em Teologia pela Faculdade Jesuíta, de Belo Horizonte (1999), graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (1999), mestrado em Teologia pela Faculdade Jesuíta, de Belo Horizonte (2001), doutorado em Teologia - Westfälische Wilhelms Universität Münster (2009) e pós-doutorado em teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2020). Atualmente é efetivo da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e do PPG-Teologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).



Álvaro Mendonça Pimentel. Doutorou-se em Filosofia pela UFMG (2008), com estágio de pesquisa no exterior no Centre d'Archives Maurice Blondel (Université Catholique de Louvain, Bélgica). Em 2014, fez Estágio Pós-Doutoral na Catholic University of America. Atualmente, é professor do Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). É membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião e atua na área de Filosofia, com ênfase em ética e filosofia da religião, desenvolvendo suas pesquisas e cursos em diálogo com os seguintes autores: Henri Bergson, Maurice Blondel, Jean Ladrière, Claude Bruaire, Eric Voegelin e Henrique Cláudio de Lima Vaz.

O testemunho do papa Francisco

Dom José Tolentino de Mendonça

Poeta, teólogo português, professor universitário, arquivista do Arquivo Apostólico do Vaticano e bibliotecário da Biblioteca Apostólica Vaticana

Maria Clara Bingemer

Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana e professora titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio

Geraldo De Mori

Professor de teologia sistemática no Departamento de Teologia da FAJE.
Possui pós-doutorado no Institut Catholique de Paris

Por seus gestos, palavras e ações, o papa Francisco destacou-se como um dos atores que mais impactou o mundo no decorrer da pandemia, além de revelar-se como porta-voz da compaixão, da esperança e da solidariedade de uma Igreja servidora da humanidade em tempos de crise, incertezas, sofrimento e morte. Circunscritas, no início, ao período em que a Covid-19 mais afetou a Europa, suas iniciativas permanecem cheias de significado, como um

apelo a tornar este tempo uma ocasião favorável a uma verdadeira conversão e uma oportunidade real para uma humanidade e um mundo novos.

Um gesto

Sem sombra de dúvidas o gesto mais impactante realizado pelo papa Francisco, no auge da pandemia na Itália, foi o do dia 27 de março de 2020. Sozinho, diante da Praça São Pedro vazia, em uma tarde chuvosa e fria, diante do crucifixo da Igreja de São Marcelo, considerado milagroso por ter sido levado em procissão em Roma na peste de 1522, e do ícone da Virgem Maria, Salus Populi Romani, o Papa realizou uma celebração, na qual proferiu uma homilia, seguida da adoração do Santíssimo e da bênção *urbi et orbi*.

O primeiro elemento que chama a atenção nesse gesto é o próprio cenário em que se deu: a praça. Em geral, ela é o lugar de encontros, intercâmbios e aglomerações, muitos dos quais resumem boa parte da vida social, política, cultural e religiosa de uma comunidade e de um povo. Em particular, no caso da Igreja, a Praça São Pedro é o símbolo de sua catolicidade. Dela, o Bispo de

Roma abençoa a cidade (*urbi*) e o conjunto das igrejas espalhadas pelo mundo (*orbi*). A praça vazia recorda um dos efeitos mais drásticos da pandemia: o distanciamento social, que reduziu os contatos nos locais de trabalho e de circulação das pessoas, obrigando-as ao isolamento, dando um novo lugar e sentido à vida nas casas. O mesmo se deu com relação aos templos, que ficaram vazios, levando os fiéis e as lideranças eclesiais a redescobrirem o significado da Igreja doméstica.

Na praça vazia, em que o silêncio era interrompido apenas pelo som dos sinos e das sirenes, uma chuva fina caía incessantemente. Caminhando sozinho e meio encurvado, enquanto subia com certa dificuldade os degraus do adro, Francisco se fez o porta-voz dos sofrimentos, angústias e incertezas que a pandemia provocou na humanidade inteira. Sua figura, naquela tarde chuvosa e sombria, era também a do pastor de uma Igreja que, como ele, acredita que o Crucificado carrega as dores do mundo, dando aos que nele creem força e esperança para atravessarem a tormenta que afeta todo o planeta.

A praça, o vazio e o silêncio, a chuva e o frio, o Crucifixo e o Ícone, que compõem o cenário no qual o Pontífice rezou pelo fim da pandemia, se articulam com o que nele é enunciado: a proclamação do Evangelho de

Marcos (4, 35-41), a homilia do Papa, sua oração diante do Ícone e do Crucifixo, a exposição e adoração do Santíssimo, invocações e a bênção *urbi et orbi*. Os elementos que compõem o gesto daquela tarde, apesar de enraizados no imaginário católico, trazem em si algo que é comum à humanidade inteira. De fato, o vazio e o silêncio, a chuva e o frio daquela tarde, naquela praça, evocam o mundo em tempos de Covid-19; o Crucifixo recorda os sofrimentos das vítimas e os efeitos da pandemia, sobretudo na vida dos mais vulneráveis; o Ícone é o símbolo dos que esperam contra toda esperança, e de forma ativa e criativa, através do serviço e da solidariedade.

Palavras

Além desse gesto icônico, que indica qual deve ser a atitude da Igreja em tempos de pandemia, o papa Francisco, ainda na homilia daquela tarde de 27 de março, mas igualmente em outras ocasiões, propôs algumas pistas de interpretação desse tempo, indicando ainda como nele discernir os apelos de Deus para a Igreja e para a humanidade.

É digna de nota, nas intervenções do Papa no auge da crise da Covid-19 na Europa, e, mais recentemente, na encíclica *Fratelli Tutti* (FT), a palavra que ele escolheu para interpretar esse tempo pandêmico. Em geral, os chefes de Estado privilegiaram a semântica bélica para falar da pandemia, recorrendo a termos como “guerra” ou “luta” contra um “inimigo invisível” a ser “combatido”, “vencido”, “eliminado”. Neste tipo de leitura, a humanidade aparece como vítima que deve reagir a um ataque. Na homilia de 27/03/2020, feita à luz de Mc 4,35-41, citada na FT, 32, Francisco recorre à palavra “tempestade” ou “tormenta” para entender a situação provocada pelo novo coronavírus. Segundo ele, “densas nuvens cobriram nossas praças, ruas e cidades”, tomando conta de nossas “vidas e enchendo tudo de um silêncio ensurdecedor e de um vazio desolador que paralisa tudo”. Estamos “assustados e perdidos”. Como os “discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tormenta inesperada e furiosa”, que nos fez, porém, dar-nos conta de que “estamos no mesmo barco, todos frágeis e desorientados”, embora, ao mesmo tempo, há que se afirmar que todos somos “importantes e necessários”, “chamados a remar juntos” (FRANCISCO, 2020a). A escolha da simbólica da tempestade e do barco, no qual se encontra toda a huma-

nidade, é sagaz, pois, por um lado, recolhe bem o sentido primeiro do termo pandemia: pan (todos) + demos (povo), e por outro, mais do que tornar a humanidade apenas vítima, revela-lhe sua extrema vulnerabilidade.

A pandemia é ainda lugar de desmascaramento das “falsas e supérfluas seguranças” que definiam agendas, “projetos, rotinas e prioridades”. Ela mostra também como tinha ficado “adormecido e abandonado o que alimenta, sustenta e dá força” à existência pessoal e comunitária. Através dela, são desveladas as tentativas de esconder e “esquecer o que nutriu a alma” dos povos, e os intentos de anestesiá-la com “aparentes rotinas salvadoras”, que, porém, são incapazes de apelar às raízes e evocar a memória que capacita para enfrentar a adversidade. Com ela caiu a maquiagem que disfarçava os estereótipos de um ego pretensioso, e ficou evidente a “bendita” pertença comum que torna todos irmãos e irmãs. Embora a humanidade tenha avançado em muitos aspectos, sentindo-se “forte e capaz de tudo”, a cobiça levou-a a ser absorvida pelo material e transtornada pela pressa, não despertando diante das “guerras e injustiças”, e tornando-se surda “ao grito dos pobres” e do “planeta gravemente enfermo” (FRANCISCO, 2020a).

A provação vivida pela humanidade na pandemia é vista ainda como “um momento de eleição”. Mais que ao juízo divino, diz o Papa em sua homilia de 27/03/2020, trata-se de um momento para nosso juízo, ou seja, “para eleger entre o que conta verdadeiramente e o que passa, para separar o que é necessário do que não é”. Essa eleição é na verdade uma oportunidade de conversão e leva o ser humano a “restabelecer o rumo da vida” para Deus e para o próximo. É interessante observar que, logo após essa afirmação, o Pontífice recorda os “companheiros de viagem exemplares” que, “diante do medo”, deram a própria vida. Ele vê neles/as a força “operante do Espírito derramada e plasmada em valentes e generosas entregas”. O mesmo Espírito, diz ele, “resgata, valoriza e mostra como nossas vidas estão tecidas e sustentadas por pessoas comuns”, que não estão na grande mídia ou nas “passarelas” de sucesso, mas que hoje “estão escrevendo os acontecimentos decisivos de nossa história”. Esse grupo “anônimo”, formado por pessoas que atuam no mundo da saúde, do comércio, dos transportes, das forças de segurança, além dos voluntários/as, religiosos/as, padres, professores/as, pais, mães e avós, e em tantos outros, compreendeu que “ninguém se salva sozinho”, e por isso

busca de tantas maneiras “infundir esperança” e semear “corresponsabilidade” (FRANCISCO, 2020a).

Ao lembrar que a vida é tecida e sustentada por pessoas comuns, que escrevem as páginas decisivas da história presente, Francisco articula, numa visão sistêmica, sua reflexão sobre a pandemia com o que escreveu na *Laudato si'* (LS) sobre o cuidado da casa comum. Na verdade, a saúde do ser humano é indissociável da saúde do meio ambiente. A pandemia recorda que o futuro já chegou e que a LS é o mapa para o presente. O ser humano e o mundo têm um mesmo destino. Tudo está interligado, tudo é interdependente. O antropocentrismo, que determinou a história moderna da humanidade, deve ser corrigido. Na FT o Papa é ainda mais incisivo. Ele recorda que, apesar de estarmos “superconectados”, deixamos nos levar pela fragmentação que dificultou soluções que implicassem a todos (FT, 7). Por um momento tivemos a “consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos” (FT, 32). O golpe duro da pandemia, continua o Papa, “obrigou, por força, a pensar nos seres humanos, em todos, mais do que no benefício de alguns”. Além do mais, a “tribulação, a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites, que a pandemia despertou, fazem

ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e, sobretudo, o sentido da nossa existência” (FT, 33).

Como nos profetas bíblicos, além de oferecer uma leitura lúcida da pandemia, chamando à conversão, as palavras de Francisco são também de consolação e esperança. Na mensagem *urbi et orbi* da páscoa de 2020, ele diz: “é outro contágio, que se transmite de coração a coração”, porque todos esperam esta Boa Notícia. “É o contágio da esperança”. A páscoa não oferece uma fórmula mágica para a dor do mundo, que passa por cima do sofrimento e da morte. Ela abre um “caminho no abismo, transformando o mal em bem, sinal distintivo do amor de Deus”. O Ressuscitado é o Crucificado e traz em “seu corpo glorioso as chagas indeléveis, feridas que se convertem em luz da esperança”. É a Ele que dirigimos nosso olhar “para que cure as feridas da humanidade desolada”. O Pontífice recorda então todos os que foram afetados pelo contágio: os doentes, os que morreram, as famílias que choram seus mortos e, em alguns casos, “nem puderam dar-lhes o último adeus”. Ele afirma que a Covid-19 está não só privando dos afetos, mas também da possibilidade de recorrer ao consolo dos sacramentos. O Papa anima ainda os responsáveis políticos frente às incertezas do fu-

turo, pedindo-lhes que trabalhem “ativamente em favor do bem comum dos cidadãos”. Recorda que este não é o tempo da indiferença, “porque o mundo todo está sofrendo e tem que estar unido”. Lança um olhar particular para os mais pobres e vulneráveis e lembra que não é tempo de fechamento. Tampouco há que seguir fabricando armas e alimentando guerras (FRANCISCO, 2020b).

Ações

Os gestos e palavras do papa Francisco durante a pandemia são voltados a um agir que se desdobra em diversas iniciativas. Uma delas, nem sempre tida como tal, é muito presente na cerimônia do dia 27 de março de 2020: a oração. Ela teve início com uma prece a Deus, “onipotente e misericordioso”, pedindo-lhe que olhasse para a “dolorosa condição” da humanidade, confortando seus filhos/as e abrindo seus corações à esperança e a experimentar sua presença de Pai. Numa das invocações da homilia, inspirada pelo versículo “Por que tendes medo? Ainda não tendes fé?” (Mc 4, 40), o Papa se faz porta-voz dos que se encontram no barco em meio à tempestade. Ele reconhece o amor de Deus pelo mundo, os avanços

da humanidade, mas também seus tropeços, sua surdez diante dos apelos divinos, da dor da guerra, das injustiças e do planeta enfermo. Ele pede a Deus salvação e se faz ouvinte do chamado divino à fé, uma fé que é um voltar-se para Deus e nele confiar, discernindo em meio à crise uma escolha entre o que conta e o que não conta.

Além de falar, a oração daquela tarde também foi feita de silêncio: breves, diante do Ícone da Virgem e do Crucifixo, longo, diante do Santíssimo exposto. Os dois primeiros momentos foram acompanhados pelo canto de antífonas e o terceiro, após um canto e o silêncio, deu lugar a outras invocações: uma litania de adoração, confissão de fé, petições, invocação do dom do Espírito. Seguiu-se então um canto (*Tantum ergo sacramentum*), e a conclusão do ato com a indulgência plenária e a bênção *urbi et orbi*.

Parece contraditório identificar a oração com a ação, pois, dirigida a Deus, ela espera dele uma intervenção, que, no imaginário cristão, depende inteiramente dele. De fato, o silêncio e a súplica, constitutivos da maior parte das orações, dão o protagonismo a Deus e não ao ser humano. Contudo, ainda no texto da homilia da Praça São Pedro, o Papa faz uma afirmação elucidativa. “A oração e o serviço silencioso, diz ele, são nossas armas

vencedoras” (FRANCISCO, 2020a). Não só porque na oração cristã acontece um diálogo de liberdades, que chama a uma fé que opera pela caridade, mas também porque ao voltar-se para Deus, o fiel encontra nele o modelo para um agir que é serviço. Como Deus é misericórdia e compaixão, também ele deve ser movido por elas, encarnando-as no mundo e tornando-se, através de seu agir, expressão da ação salvífica divina no mundo.

Na carta de 12 de abril aos movimentos populares, o Papa aprofunda o lugar da solidariedade e das muitas formas de ação, não só dos cristãos, a serem desenvolvidas durante e depois da pandemia. Recordando a metáfora bélica, ele diz que os movimentos populares são um “verdadeiro exército invisível que luta nas mais perigosas trincheiras”, tendo como principais “armas” a “solidariedade, a esperança e o sentido da comunidade”. Tais movimentos são também “verdadeiros poetas sociais”, pois, a partir das periferias, criam “soluções dignas para os problemas mais urgentes dos excluídos”. Mesmo sendo pouco reconhecidos, tidos como invisíveis ou suspeitos pelo sistema, eles trabalham por suas “famílias, seus bairros, pelo bem comum”. O Papa valoriza nesses movimentos as mulheres, os camponeses e os agricultores familiares. Segundo ele, o modelo tecnocrático não oferece soluções

neste tempo de pandemia. São as “pessoas, as comunidades e os povos que devem estar no centro, para curar, cuidar, compartilhar”. Dentre os grupos mais ativos, ele valoriza os do trabalho informal, convidando-os para pensar o “depois”, pois eles possuem “a cultura, a metodologia, mas, principalmente, a sabedoria que se amassa com a levedura da dor do outro como própria”. Eles podem ajudar a pensar um “projeto de desenvolvimento integral, centrado no protagonismo dos Povos em toda sua diversidade e o acesso universal aos três T’s, por eles defendidos: “terra, teto e trabalho”. O Pontífice deseja que a pandemia possa sacudir as “consciências adormecidas” e suscitar “uma conversão humanista e ecológica que termine com a idolatria do dinheiro e ponha a dignidade e a vida no centro”, regenerando assim a civilização (FRANCISCO, 2020c).

Em outros textos da mesma época¹, o Papa Francisco recolhe os ensinamentos do agir durante a pandemia e seus desdobramentos. Ao evocar as mulheres que

1 1. “Um plano para ressuscitar”, publicado originalmente em Vida Nueva, no dia 17/04/2020; 2. “O egoísmo: um vírus ainda pior”, da Homilia do 2º Domingo da páscoa (19/04/2020); 3. “Superar os desafios globais”, da Catequese durante a Audiência Geral no 50º dia da terra (dia 22/04/2020).

vão ao sepulcro ungir o corpo de Jesus, ele vê nelas a “capacidade de colocar-se em movimento e não se deixar paralisar pelo que estava acontecendo”. Na ação dos que cuidaram dos doentes e asseguraram os serviços essenciais durante a pandemia ele vê também a “unção” que “cura, acalma e dá alma à situação”. Nossas “unções e entregas”, diz ele, “não são nem serão em vão”. O padecer com os que padecem nesse tempo torna possível a escuta da novidade da ressurreição. O Espírito, que age em nós e no mundo, “abre horizontes, desperta a criatividade” e move à fraternidade e ao estar presente à dor do outro. Por isso, este tempo é de discernimento. É um tempo favorável, propício a “uma nova imaginação do possível”, mostrando que é “preciso unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral”. Só se vence a emergência da Covid-19 com os “anticorpos da justiça, da caridade e da solidariedade” (FRANCISCO, 2020d).

Na homilia do domingo da misericórdia (19/04/2020), o Papa lembra que outro aprendizado da pandemia é a consciência de “que todos somos frágeis, iguais e valiosos”. Por isso, é “tempo de eliminar as desigualdades, de reparar a injustiça que contamina já na raiz a saúde de toda a humanidade”. A prova pela qual pas-

sa a humanidade é uma oportunidade “para preparar o amanhã para todos, sem descartar ninguém” (FRANCISCO, 2020e). Na Catequese do dia 22 de abril, por ocasião do 50º Dia da Terra, ele volta a insistir que a pandemia ensina que “somente juntos e encarregando-nos dos mais frágeis podemos vencer os desafios globais”. Dentre esses desafios, encontra-se o do cuidado do meio ambiente que nos sustenta. “Falhamos, custodiando a terra, nossa casa-jardim, e custodiando nossos irmãos”, diz ao Papa. Por isso, é preciso “retomar uma relação harmoniosa com a terra e com o resto da humanidade”. A harmonia é obra do Espírito. Para redescobri-la é necessário um novo modo de olhar nossa casa comum. Isso é possível se despertamos “o sentido estético e contemplativo que Deus colocou em nós”. Os povos originários e sua sabedoria do bem viver podem nos ensinar isso. Todos somos chamados a uma “conversão ecológica, que se expressa em ações concretas”, dentre as quais as que estão previstas para os encontros da COP15, sobre a biodiversidade, em Kunming (China) e da COP26, sobre a mudança climática, em Glasgow (Reino Unido). Em nível nacional e local é também necessário propor ações que, num movimento social “a partir de baixo”, traduza em ações concretas uma nova visão (FRANCISCO, 2020f).

Em sua Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social, o papa Francisco retoma e aprofunda muitas das ações entrevistadas em suas intervenções durante o tempo da pandemia. Ao agir de um indivíduo pensado como “mônada” (FT, 11), tão próprio da modernidade ocidental, ele contrapõe o de um sujeito visto em suas distintas relações: com o mundo, com os demais, formando um “nós”, com Deus. Ele corrige também a primazia dada à liberdade e à igualdade a partir da Revolução Francesa, convidando a humanidade a redescobrir a fraternidade, vista como dom e tarefa, que nos coloca a todos/as no mesmo barco. Só se atravessa o mar revolto da crise atual se se incluem todos/as.

e ações propostos pelo Papa neste tempo de pandemia. Eles podem e devem inspirar os discípulos e discípulas de Jesus, mas também todos os homens e mulheres de boa vontade a “uma nova imaginação do possível”. Mais do que nunca é hora de agir. Para isso, os gestos, palavras e ações do papa Francisco devem provocar os que deles se aproximam, suscitando neles/as gestos, palavras e ações similares. Como Moisés, outrora, diante do dom do Espírito há que também desejar: “que todo o povo do Senhor seja profeta, e que o Senhor ponha nele seu Espírito” (Nm 11, 29).

“Vai e tu também faze o mesmo” (Lc 10, 37)

O texto que fundamenta e inspira a reflexão do papa Francisco na FT é o da parábola do bom samaritano (Lc 10, 29-37). Ao concluí-la, e depois de ouvir a resposta do levita sobre quem foi o próximo daquele homem que caíra nas mãos dos bandidos, Jesus lhe diz: “vai e tu também faze o mesmo”. Esta resposta de Jesus serve também de provocação diante dos gestos, palavras

REFERÊNCIAS

PAPA FRANCISCO. ¿Por qué tenéis miedo? Mensaje Urbi et orbi durante el Momento extraordinario de oración en tiempos de epidemia, 27 de marzo de 2020. Em PAPA FRANCISCO. La vida después de la pandemia. Roma: Vaticana, 2020 (Texto a).

_____. Como una nueva llama. Mensaje Urbi et orbi – Pascua 2020, 12 de abril de 2020. Em PAPA FRANCISCO. La vida después de la pandemia. Roma: Vaticana, 2020 (Texto b).

_____. A un ejército invisible. Carta a los Movimientos Populares, 12 de abril de 2020. Em PAPA FRANCISCO. La vida después de la pandemia. Roma: Vaticana, 2020 (Texto c).

_____. Un plan para resucitar. Texto originariamente publicado en «Vida Nueva», 17 de abril de 2020. Em PAPA FRANCISCO. La vida después de la pandemia. Roma: Vaticana, 2020 (Texto d).

_____. El egoísmo: un virus todavía peor. Extracto de la Homilía, II Domingo de Pascua (o de la Divina misericordia), 19 de abril de 2020. Em PAPA FRANCISCO. La vida después de la pandemia. Roma: Vaticana, 2020 (Texto e).

_____. Superar los desafíos globales. Catequesis durante la Audiencia general en el 50° Día de la Tierra, 22 de abril de 2020. Em PAPA FRANCISCO. La vida después de la pandemia. Roma: Vaticana, 2020 (Texto f).

_____. Carta Encíclica Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.



José Tolentino Mendonça. Nasceu em 1965. Estudou Teologia e Ciências Bíblicas. Doutorou-se com uma tese em que propõe o recurso à análise narrativa para interpretar a figura de Jesus no Evangelho de São Lucas. Foi professor, diretor do Centro de investigação em Teologia e Estudos de Religião e Vice-Reitor da Universidade Católica Portuguesa. Em 2018, o Papa Francisco convidou-o para pregar os exercícios espirituais à cúria romana. Nesse mesmo ano nomeou-o bispo e no ano seguinte cardeal. É atualmente responsável pelos Arquivos e Biblioteca Apostólica. Tem publicado uma obra significativa no campo do ensaio e da poesia, que nos últimos anos conheceram edição no Brasil e traduções em Espanha, França, Itália, Alemanha, Estados Unidos, entre outros. Dos seus títulos se destacam: *O elogio da sede* (Paulinas: 2019); *A leitura infinita. A Bíblia e a sua interpretação* (Paulinas: 2018); *Pai-Nosso que estais na terra* (Paulinas: 2016).



Maria Clara Lucchetti Bingemer. Graduação em Comunicação Social (1975), graduação e mestrado em Teologia pela PUC-Rio, doutorado em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1989). Professora titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio. Durante dez anos dirigiu o Centro Loyola de Fé e Cultura da mesma Universidade. Durante quatro anos foi avaliadora de programas de pós-graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Durante seis anos foi decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Deus, alteridade, mulher, violência e espiritualidade. Atualmente tem pesquisado o pensamento e os escritos de místicos contemporâneos e a interface entre Teologia e Literatura.



Geraldo Luiz De Mori. Bacharel em Filosofia (1986) e Teologia (1992) pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - CES - (Belo Horizonte, MG, atual Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE -); licenciado em Filosofia pela PUC Minas (1990); mestre (1996) e doutor (2002) em Teologia pelo Centre Sèvres - Facultés Jésuites de Paris (França); pós-doutorado (2011/2012) no Institut Catholique de Paris. Professor de teologia sistemática no Departamento de Teologia da FAJE. Líder do Grupo de Pesquisa Interfaces da antropologia na teologia contemporânea. Membro do Conselho Editorial das Revistas Concilium, Teología y Vida, do Grupo de Santiago (que estuda teologia prática). Reitor da FAJE desde março de 2018.

Entrevista: A Igreja no Brasil no contexto da pandemia

Dom Joel Portella Amado

Doutor em Teologia pela PUC-Rio e Secretário Geral da CNBB

As atividades religiosas presenciais, como celebrações, reuniões, encontros de catequese, cursos etc., foram suspensas durante vários meses da quarentena. Na sua opinião, quais foram os impactos que essas restrições tiveram na experiência religiosa das pessoas? O que a Igreja fez para minimizar esses impactos? Que orientações pastorais foram dadas aos fiéis?

A Igreja no Brasil teve e tem clareza de que a pandemia não é apenas sanitária. Como toda pandemia, envolve também aspectos econômicos e sociais, além de políticos e de informação, para me manter nos mais destacáveis. Costumo utilizar o termo multipandemia, que me parece corresponder mais à realidade. Se o lado sanitário se destaca por ser a causa primeira, os demais não podem ser deixados de lado, pois são consequências ou são, como no caso do Brasil, colocados em maior evidência.

Diante, pois, da insegurança de orientações e da politização da pandemia sanitária, com, por exemplo, a polarização entre vida e economia e com até mesmo a oposição de informações (usem máscara – não usem máscara; tomem tal remédio – não tomem tal remédio), a CNBB fez a opção de se manter na linha das orientações sanitárias,

destacando o distanciamento social e o uso das demais medidas protetoras. Embora cada bispo, em sua diocese, tenha concretizado essa orientação de acordo com a realidade local, o princípio foi esse.

Em segundo lugar, surgiram de modo espontâneo inúmeras experiências de solidariedade, de caridade. Ao longo, por exemplo, do mês de março, recebemos mensagens e reportagens de pessoas e grupos buscando ajudar, com atenção especial para três pontos: conscientização a respeito das regras de proteção, acesso aos alimentos diante da fome e escuta, com aconselhamento algumas vezes.

Essas experiências nos fizeram ver que era necessário estimular ainda mais a união, num momento da história do país em que as polarizações se firmavam e as pessoas se viam em meio a uma espécie de fogo cruzado de orientações. Além disso, havia grupos que tinham necessidades, mas não tinham recursos e, ao contrário, grupos com recursos sem ter para quem os dar. Com isso, a CNBB e a Cáritas Brasileira iniciaram, no Domingo de Páscoa, já em abril, a Ação Emergencial É tempo de Cuidar, exatamente com a finalidade de sustentar a solidariedade diante do risco de esmorecimento, de estimular a criatividade diante das crescentes necessidades e de

articular essas diversas necessidades com os recursos disponíveis. Desde então, a ação emergencial tem crescido, no desejo de se fortalecer a solidariedade em rede, independentemente de confissão religiosa ou outra qualquer condição.

A partir daí, juntaram-se alguns aspectos que agora, passados mais de 200 dias em situação excepcional, conseguimos ver com alguma clareza: 1) centrar-se nas orientações das autoridades sanitárias, para além das politizações, 2) estimular a solidariedade tanto no nível material mais imediato, quanto no nível emocional e 3) trabalhar em rede, com instituições que tenham as mesmas finalidades.

Em tudo isso, sem dúvida, o presencial se reduziu a praticamente zero nos primeiros momentos e na maioria dos lugares. Houve reações negacionistas que se queixaram do abandono por parte da Igreja, uma vez que as missas presenciais foram suspensas e essas pessoas não puderam comungar como gostariam. No entanto, a agilidade dos grupos de comunicação, em especial das PASCOMs, foi fundamental para oferecer não apenas missas online, mas também outras formas de oração e contato com a Palavra de Deus. Multiplicaram-se rapidamente essas formas não fisicamente presenciais, mas virtualmente

presenciais, e o processo de integração entre evangelização e mundo virtual se acelerou, desaparecendo a desconfiança em relação a esse âmbito da vida. Sempre haverá, é claro, quem se mantenha na desconfiança. Afinal, a novidade sempre assusta. Contudo, a integração entre ação evangelizadora e mundo virtual se firmou. Isso não podemos negar.

O importante é perceber que não se trata de uma espécie de migração definitiva, através da qual se substitui o fisicamente presencial pelo virtualmente presencial. Trata-se da integração de um novo âmbito ou, se quisermos usar um termo já tradicional, de um novo areópago. A chave de leitura deve ser a da integração, não a da oposição. Primeiro porque a presencialidade física é própria do cristianismo. Em decorrência da Encarnação do Verbo, do Verbo que se fez carne, corpo, história, não podemos fugir dessa presencialidade antropológicamente indispensável. Mesmo antes da atual pandemia, as missas pela televisão sempre foram recomendadas para os impedidos de participação presencial, com destaque para enfermos, idosos e encarcerados. Agora e mais ainda quando passar essa fase turbulenta da pandemia, será o tempo de recolher os frutos dessa passagem.

Mesmo agora, ainda durante a pandemia, com tantas pressões e especulações em torno do novo normal, já podemos identificar alguns ganhos, embora permaneçamos tristes com tanto sofrimento e tantas mortes. O primeiro deles é o fortalecimento das PASCOMs, esse grupo generoso e dedicado, que muito tem feito para ajudar pessoas e grupos. São também as lives, uma verdadeira enxurrada atualmente, as videoconferências, os webinars e tantas outras formas de contato. O próprio vocabulário se enriqueceu. E não apenas o vocabulário especificamente pastoral, mas o vocabulário cotidiano de um mundo que descobriu novas formas de se manter conectado.

Mantida, portanto, a hierarquia entre o fisicamente presencial e o virtualmente presencial, com a presencialidade física em primeiro lugar, intuo que o ambiente virtual não perderá o seu valor, pois continuará como forma de unir as pessoas, articular-se diante das grandes causas, fortalecer-se diante dos problemas graves do país e assim por diante. Lives, videoconferências, webinars e outras formas, tenham o nome que tiverem, serão caminhos para otimização do tempo e dos recursos financeiros, mas, acima de tudo, de relacionamentos que não poderão ser perdidos.

A dimensão celebrativa, de modo especial a eucaristia, precisará reassumir sua perspectiva fisicamente presencial, pois, repito, o Verbo se fez carne, se fez presença, se fez corpo. A vida em comunidade, o encontro, pelo menos dominical, dos irmãos e irmãs, é indispensável e não é integralmente substituído pelo encontro virtual. Se, em casos, por exemplo, de uma doença, fazemos uso de alimentação especial, e, assim que curados, regressamos à alimentação regular, o mesmo acontece com a celebração eucarística e com os encontros em comunidade. Respeitadas as orientações sanitárias, as missas vão retornando e, mais adiante, também os demais encontros de comunidade. Sem essa presencialidade física, não há como viver plenamente a fé cristã.

Por isso, não tem sentido dizer que o cristianismo agora vai se tornar predominante ou mesmo exclusivamente virtual. Haverá, sem dúvida, maior espaço para o virtual como complementar ao presencial, com chance de melhorar os contatos, de alargar a geografia das relações, ultrapassando fronteiras etc. Mas, repito, acréscimo e articulação, não substituição.

A possibilidade de substituição total, ao ferir a identidade cristã, também cai na armadilha da individualização e do descompromisso comunitário, tão próprios

de nosso tempo, em que o sujeito individualizado, fechado em si, ao estilo das famosas mônadas, é a referência. Pastoralmente, podemos falar em preguiça, acomodação, individualismo e assim por diante. Um olhar mais técnico poderá falar em risco de ajustamento a esse perfil de subjetividade egocentrada, que pode se agarrar ao virtual e se manter numa lógica oposta à da comunidade, a qual só se fortalece com a presencialidade física.

Em tudo isso, podemos dizer que houve um grande impacto na vida de fé. E, podendo parecer estranho num primeiro momento, creio que devamos observar o que existe de positivo nesse impacto. Negativa é a perda da segurança. Negativos são os desequilíbrios, resultantes da perda das referências e mediações. Mas, em nível de experiência cristã, esses momentos, que se iniciam como perdas, podem ser muito ricos.

A seu ver, o contexto da pandemia pode ser uma oportunidade para uma nova experiência de fé? Em que sentido?

A fé cristã possui uma característica muito fecunda, embora nem sempre valorizada com a amplitude neces-

sária. Trata-se da imagem do deserto. No Antigo Testamento, o povo de Deus caminhou pelo deserto em vista de purificação. No Novo Testamento, Jesus foi ao deserto para enfrentar a tentação. Também os homens e as mulheres de fé em nosso tempo são chamados a fazerem a experiência do deserto. No caso, não se trata do deserto opcional, no qual ingressamos, por exemplo, nos Exercícios Espirituais, mas do deserto indesejado, com causas externas, diante das quais a opção é fugir, é não enfrentar.

No entanto, para aproveitar o título de um dos livros de D. Hélder, O deserto é fértil, ele nos leva a rever uma série de atitudes com as quais estávamos acostumados, incluindo aqui as atitudes diretamente ligadas à vivência da fé. Sabemos que existe uma diferença entre o dado da fé e as formas como esse dado se concretiza em cada tempo e lugar. Se, por um lado, existe articulação entre ambos, dado e concretização, por outro, não existe identificação nem, pior ainda, fusão ou substituição. Dados da fé são os valores, os princípios norteadores, dos quais, por consequência, não podemos abrir mão. Já as concretizações são históricas, socioculturalmente situadas, devendo se transformar conforme os contextos. Essa distinção não é fácil de ser realizada, mas precisa ser feita, sob o risco de se inverter a hierarquia, ou seja, de as

formas passarem a valer pelos princípios. Um exemplo é o da oração. Devemos rezar sempre, rezar individual e comunitariamente, de modo que uma forma leve à outra. Se, todavia, estamos temporariamente impedidos de rezar comunitariamente, ou, melhor dizendo, presencialmente, podemos fazê-lo de modo virtual, unindo-nos numa comunidade virtual, como se costuma dizer. O que não podemos – entram aqui os princípios – é deixar de rezar e de nos encontrarmos para rezar, pois rezar faz parte dos princípios irrenunciáveis.

O deserto é, portanto, fértil na medida em que nos ajuda a separar uma dimensão da outra, convidando-nos a permanecermos com o essencial, mostrando-nos que carregamos muita coisa que não é essencial. No âmbito do vestir, para dar um exemplo bem cotidiano, quantas pessoas reduziram a quantidade de roupas que consideravam essenciais. Permanecendo em casa e com outros serviços a serem feitos, optaram por vestes mais simples, mais práticas. Esse é um exemplo bem imediato, mas ajuda a compreender o que deve ser feito no nível da experiência de fé. Para caminhar no deserto, é preciso estar preparado, mas preparado com o essencial, não com a maquiagem. Leva-se para o deserto o que é essencial para a sobrevivência.

No caso da experiência cristã de fé, esse é um tempo para se carregar deserto adentro, em uma vida que se reconfigura, o essencial traduzido em valorização da vida, da pessoa e das pessoas, de todas as pessoas, da natureza, nossa casa comum, do apoio mútuo e da oração, para indicar os exemplos mais imediatos.

Quando nos deparamos com um número tão alto de mortes, despertam em nós diversas atitudes: indignação pelo descaso dos responsáveis, tristeza, saudade, mas também podem se fortalecer o valor pela vida, a luta pela defesa e a preservação da vida em todas as suas instâncias. Quem sobreviver a essa pandemia sanitária, precisará sair dela valorizando mais a vida, empenhando-se por preservar, defender a vida, de modo especial a vida mais vulnerabilizada através da pobreza, da miserabilização, do abandono.

Em segundo lugar, haverá de aprender a perceber que, para cada vida, existe uma hipoteca antropológica, ou seja, ninguém vive para si, mas, na medida em que vivemos todos para Cristo, vivemos também para as irmãs e os irmãos. Somos co-humanos. O subjetivismo fechado, que levou ao que o papa Francisco chama de lógica da indiferença, tem na pandemia uma chance de ser ultrapassado. As ajudas emergenciais, a solidarieda-

de que brotou do coração de pessoas, grupos e comunidades, não podem mais ser vistas como excepcionais, cronologicamente ligadas ao tempo da pandemia. Não podemos retornar a um tempo de individualismo exacerbado, em que atitudes de violência, como as do racismo e da corrupção, têm sido expressões vergonhosas desse fechamento a la Caim: “por acaso sou responsável pela vida do meu irmão?”

Outra descoberta, muito ajudada pela *Laudato Si'*, em seu quinto aniversário este ano, é a relação com a natureza. Se, por um lado, ficamos impactados com, por exemplo, as queimadas no Pantanal e na Amazônia, só para ficar em exemplos destacáveis, por outro, se pararmos um pouco, vamos perceber que a natureza regressou com força diante da redução dos ritmos de vida e circulação, em especial nas grandes cidades. Os pássaros voltaram a ocupar espaços. Tenho casas de joão-de-barro na janela do meu quarto. Ouço o cantar de inúmeras aves que não ouvia porque não estavam aqui ou porque o barulho da cidade não permitia perceber. Estudiosos dizem que até as placas tectônicas estariam percebendo a redução nos impactos sobre o planeta. Em tudo isso, não se trata de cair em panteísmo, mas de reconhecer, pelos olhos da criação, a presença do Criador. Precisaremos,

desse modo, repensar ainda mais a relação da experiência de fé com a casa comum, sem abandonar a relação com as pessoas. O caminhante no deserto contempla e conhece a natureza para melhor conduzir o seu grupo.

Em quarto lugar, citando em uma ordem sem hierarquia na importância, destaco a relação fraterna, em continuidade com o que disse acima. A pandemia nos jogou para dentro de casa, de certo modo obrigando-nos a conviver. Em alguns casos, a suportar mesmo, com atitudes até de reconciliação. Por certo, os mais pobres, com residências menores diante do número de moradores, sofreram muito com a necessidade de ficar em casa. Conheço situações de famílias em que não há lugar para as crianças permanecerem dentro da pequena habitação. A solução, por mais que se dissesse o contrário, foi a de sempre: brincar na rua.

Deixando o detalhamento social para outro momento, agora é tempo de reconhecer que a fraternidade, o convívio, a descoberta ou redescoberta do outro e da outra foram situações que emergiram com força nessa pandemia. Emergiram até mesmo pela via negativa, no sentido de que sentimos falta das pessoas, experimentamos a carência do convívio, do abraço, da saudação e, se assim posso dizer, das confusões que algumas vezes

surgem. Tudo isso é humano. Consequentemente, é hora de fortalecer essa experiência, cabendo à Igreja uma responsabilidade muito grande nisso. É hora de chamar a atenção para o ganho fraterno que se está tendo com a chance de um conviver ainda que obrigatório.

No início da pandemia, ainda sem clareza das atividades a fazer, tive a chance de ver um filme, cujo nome nem recordo. Era um filme sobre a Segunda Guerra, com a perseguição aos judeus. Um casal não judeu descobriu uma família escondida no seu porão e, exatamente do convívio, nasceu outra compreensão da realidade. O preconceito desapareceu. Houve perseguição, morte e tudo que costuma acontecer num filme desses, mas quem transcendeu esses aspectos no filme pôde perceber que brotou fraternidade e quebra de paradigmas. Não sei se o exemplo é bom, mas me ajudou a organizar o pensamento naquele período inicial da pandemia, com tudo que eu estava ouvindo. O convívio é libertador.

Por fim, recordo a atitude da oração. Para mim, não existe ato mais livre e libertador do que a oração tal qual Jesus fez e ensinou e o Cristianismo apresenta. Podemos rezar onde, quando e como estivermos. Nada nos é cobrado a não ser a capacidade de abrir o coração e os ouvidos para o mistério de quem ousamos chamar de

Deus. Reli, nesse período, alguns relatos do Cardeal Van Thuan, prisioneiro por causa da fé. Lembrei-me de tantos mártires, impedidos de tudo, mas não de rezar. Nós, cristãos, rezamos, como Jesus disse à mulher da Samaria, “em espírito e em verdade”, adaptando-nos às mais diversas e adversas situações, mas nunca deixando de rezar. Se passamos por um momento em que não podemos manter as formas usuais de oração, nem por isso deixamos de rezar. Ao contrário, aprendemos novas formas. O conteúdo, o dado de fé, é rezar. As formas vão se alterando.

No caso da presença sacramental, conforme já indicado acima, precisaremos recuperar a importância da dimensão presencial. Recuperar o valor antropológico e teológico da presencialidade física, da vida em comunidade, onde a celebração, principalmente a eucarística, está diretamente conectada com a fraternidade entre os que ali estão e com as alegrias e dores do mundo todo. As liturgias virtuais permanecerão em sua condição supletiva, atendendo a quem não pode viver o presencial, pois não podemos cair nas armadilhas do individualismo, que, justificando-se na pandemia e num eventual progresso nas compreensões, acaba por querer se perpetuar.

Que aprendizagem a pandemia está trazendo para a Igreja no Brasil, em suas várias dimensões: litúrgico-celebrativa, pastoral, missionária, evangelizadora, organizacional etc.?

A pergunta é ampla e alguns aspectos já foram respondidos antes. Tendo a subordinar as dimensões mencionadas na pergunta a um único aspecto que penso poder ajudar a compreender a questão. Esse aspecto é a única prioridade das atuais DGAE: as comunidades eclesiais missionárias. Pequenas na composição, articuladas entre si em rede, com diversos serviços e ministérios, sensíveis à solidariedade e ao compromisso socioambiental, constituídas territorial ou ambientalmente, essas comunidades representam o que, já há algum tempo, a Igreja, em vários de seus documentos, vem insistindo tanto. Como, entretanto, mudanças de hábitos e mentalidades são lentas, a pandemia – indesejável sem dúvida – acabou por acelerar um pouco esse processo, na medida em que colocou as pessoas numa espécie de convívio forçado.

A base humana para a experiência de fé é o relacionamento, é a cumplicidade de vida, é o compartilhar das alegrias e dores, como indiquei antes. Isso não pode ocorrer nas grandes aglomerações de pessoas. Essas

aglomerações têm outra finalidade, que é a de articular as pequenas comunidades e lhes dar força testemunhal para continuarem caminhando. Antes, porém, do que, na linguagem da pandemia, podemos chamar de aglomerações, existe a experiência de comunidade, das pequenas comunidades. Essa é, a meu ver, a grande reconfiguração que precisa ser feita. A partir dela, tudo mais se reconfigura. Surgem serviços e ministérios, abre-se para o entorno, a missionariedade avança e assim por diante.

Em nível de CNBB, estamos no tempo de construir novo Estatuto. O atual é de 2002 e de lá para cá muita coisa mudou, em termos de mundo e de Igreja. O Estatuto é o modo como a CNBB vai se organizar nos próximos anos. Há dois documentos para orientar essa atuação: o Estatuto e o Regimento. O Estatuto vale como uma espécie de constituição da Conferência. Nele estão os princípios básicos da identidade, da missão e da organização. O Regimento, por sua vez, desce a detalhes mais organizacionais. Além desses dois documentos, a Conferência se rege pelas Diretrizes, que são eminentemente pastorais e que têm vigência por quatro anos.

O novo estatuto está sendo orientado na linha da sinodalidade e da missionariedade. Buscamos, de acordo com os atuais ritmos da vida, integrar as diversas forças

evangelizadoras e, em comunhão, discernir caminhos para o anúncio da pessoa de Jesus Cristo e do Reino de Deus.

Mais uma vez, reitero que a pandemia acelerou processos. Assim como colocou às claras inúmeras mazes do povo brasileiro, como, por exemplo, a desassistência no campo da saúde, também catalisou elementos positivos, como já creio ter indicado antes. Cabe às pessoas e às instituições, dentre as quais a Igreja, saber por onde passar neste momento. Com certeza, haverá os que lacrimam por um passado que não existe mais, haverá os arautos do negativo, sempre buscando as desgraças e haverá os que procuram o que de positivo se pode tirar de tudo isso. Não se nega que seja necessário, para construir o positivo, mostrar o negativo. O Brasil atual apresenta situações que entristecem e mesmo envergonham. Não basta, contudo, apenas mostrar esse negativo. É preciso construir o positivo também. E isso é mais difícil. Daí a necessidade de a Igreja se fortalecer em pelo menos duas atitudes: a comunhão e o discernimento. Melhor dizendo, a comunhão que leva ao discernimento ou, ao contrário, o discernimento que nasce da comunhão. São dois lados da mesma moeda. Se perdemos um dos dois, a moeda perde o valor.

A pandemia do novo coronavírus evidenciou questões graves no cenário social brasileiro: as desigualdades no acesso aos serviços de saúde, aos bens econômicos, ao emprego e às ferramentas digitais, mostrando o fosso que separa pobres e ricos. Qual foi o papel da Igreja na busca por amenizar as consequências dessa desigualdade?

De fato, como já indiquei antes e é fato notório, a pandemia do novo coronavírus não só criou situações novas, como explicitou situações gravíssimas experimentadas pelo povo brasileiro, notadamente os mais pobres. A pergunta já indica inúmeros exemplos.

Por certo, não se enfrentam questões estruturais em pouco tempo. Por isso, a primeira atitude da Igreja neste momento pandêmico foi a do atendimento emergencial. Recordo aqui o exemplo da ação *É tempo de Cuidar*. Ainda estamos neste momento mais conjuntural, sem, contudo, descurar do momento estrutural. Precisamos trabalhar pelas causas, ir até as origens de tantas situações graves. Sem dúvida, temos um modelo econômico e um estilo político que não têm ajudado na superação do grave cenário a que a pergunta alude.

A Igreja compreende sua missão em sentido amplo. Ela anuncia Jesus Cristo e o Reino de Deus, praticando, se assim posso dizer, o que Jesus Cristo fez e mandou fazer. E isso implica compromisso pelo Reino, que é justiça e paz. É, num primeiro momento, socorrer as vítimas, mas, em seguida – ou, às vezes, concomitantemente – questionar as causas dos sofrimentos.

Neste período de pandemia, um dos grandes gestos que a Igreja no Brasil fez e tem feito (permitam-me chamar de grande) é o trabalho com outras instituições, religiosas ou não. Tem dado atenção à questão da fome, mal imediato, decorrente do desemprego e do desaparecimento da renda familiar. Tem igualmente estimulado, como já lembrado antes, a comunicação virtual para esclarecimento diante da desinformação, mas também para a atitude de escuta e partilha da vida. Tem procurado estimular a criatividade de organizações dos mais diversos tipos na descoberta de formas para a geração de renda. Tudo isso feito em parcerias, num aprendizado muito enriquecedor.

Destaca-se aqui a constituição do Pacto pela Vida e pelo Brasil, conforme já divulgado. Construído e oficializado em 7 de março, Dia Mundial da Saúde, o Pacto é mais que um documento. Quer ser, na verdade, um pro-

cesso de convite à sociedade brasileira a sair das polarizações e ingressar numa construtiva atitude de diálogo e solidariedade, a serviço da vida. As signatárias são instituições diferentes, com inúmeras propostas cada uma. No entanto, a beleza do Pacto está no fato de que essas seis entidades encontraram, no cuidado da vida e do Brasil, seu ponto de convergência. Por isso, se uniram e ainda estão unidas na mesma finalidade.

Interessante observar que essa experiência do Pacto foi muito rica também para a Igreja no Brasil. Não foi uma atitude de apenas uma instituição, seja ela qual for. Ninguém se colocou acima de outrem. Foi, como o nome diz, um pacto, algo que já nasceu como diálogo, propondo o diálogo como caminho de superação. Não é, desse modo, a fala apenas de uma das instituições, defendendo apenas seu ponto de vista, mas é a concordância dialogada em favor do país e da vida de todas as pessoas, especialmente das mais pobres e vulneráveis. Nesse sentido, creio que houve um avanço no estilo de se falar à sociedade brasileira.

Como o senhor percebeu as ações de solidariedade junto aos setores da população mais carentes?

Penso já ter expressado nas respostas anteriores um pouco do que aqui apenas retomo.

Fiquei impactado por ver a solidariedade brotando espontânea e imediatamente de pessoas e grupos, de comunidades, paróquias e dioceses, logo no início da pandemia. Como já me referi, na questão inicial, pelo menos a que me chegou aqui na Secretaria da CNBB, foi e continua sendo muito ligada à fome.

Num primeiro momento, foram ajudas num raio de ação mais próximo, como é comum acontecer. Num segundo momento, pude testemunhar e mesmo participar de ajudas que saíram de uma região do Brasil e foram para outras bem distantes. Não tanto através de transporte de gêneros alimentícios estradas afora. Mas de articulação, palavra importante em nossos dias. Articulação da Igreja com outras entidades e de entidades entre si, comunicando-se, indagando, avaliando o que poderia ser feito e mesmo solucionando. Sem entrar em detalhes, foi possível chegar a aldeias indígenas totalmente desassisti-

das. Além de alimentação, levou-se também material de higiene pessoal e ambiental.

Fiquei também positivamente impressionado com a força que a sociedade civil tem para se organizar em vista do bem comum. Como carioca e conhecedor da realidade das comunidades, ou seja, das favelas locais, sei o quanto se necessita ali. Não é a única situação. É a que conheço mais e que serve de referência para uma compreensão mais ampla. A criatividade de organizações já existentes, o reconfigurar de ações pastorais em capelas e paróquias localizadas nessas regiões, a criatividade de pessoas que, digamos assim, do nada, reorganizaram suas vidas em favor do próximo, tudo isso revela, primeiro, o que há de bom em cada pessoa e, em segundo lugar, que podemos nos unir em vista da transformação das causas tristes e vergonhosas de tudo isso.

É claro que essa experiência da solidariedade criativa aprendida neste tempo de pandemia não pode terminar quando se ultrapassar esse quadro tão devastador. Ninguém quer um vírus, seja ele qual for, ainda mais um tão agressivo e letal como esse. Mas, já que ele aí está, precisamos superar a indiferença e o egoísmo, assumindo o aprendizado de caridade, solidariedade e co-humanidade. Reitero aqui a expressão da hipoteca antropológica.

A Igreja no Brasil está preparada para se apropriar do universo das mídias digitais, proporcionando experiências celebrativas e de aprendizagem nesta nova linguagem, que se mostrou fundamental no contexto da pandemia?

O ingresso no âmbito virtual estava sendo feito, mas a passos lentos. A pandemia o acelerou. Consequentemente, vemos, por um lado, que precisaremos nos adequar bastante, aprender muito. Por outro, vemos o quanto já existia e não valorizávamos. Destaco, por exemplo, a questão das lives. As primeiras, se comparadas às atuais, eram de um improviso grande, pois trouxemos para o virtual a mentalidade presencial e analógica. Não sabíamos ainda que era necessário mudar também o estilo de pensar e a linguagem. Também os instrumentos não eram adaptados, primitivos mesmo. Muitas pessoas não estavam familiarizadas com o uso dos recursos de internet.

O interessante foi perceber como isso foi vencido com certa rapidez. As lives católicas de hoje adquiriram um nível muito bom. Existem limitações tecnológicas que ainda precisam ser vencidas. Há regiões do Brasil onde o acesso à internet é quase nulo. No entanto, o avanço quantitativo e qualitativo do que vem sendo feito no

areópago virtual tem sido maior, com capacidade para superar as limitações. Creio mesmo que se poderá pensar em redirecionamento de prioridades, com maior atenção para o mundo virtual, feita a ressalva de que não se trata de pura e simples substituição quanto ao fisicamente presencial.

As paróquias, os movimentos e demais associações estão investindo em aparelhagens e demais recursos, bem como no treinamento do pessoal. Os grupos da PASCUM têm contribuído muito nesse sentido. Em nível de CNBB, cabe à Comissão Episcopal Pastoral de Comunicação ajudar nesse avanço e isso já está sendo feito. Não se avançou mais exatamente por causa da pandemia ainda em curso, o que faz com que o aprendizado se dê em meio à ação. É aprender a cuidar cuidando.



Dom Joel Portella Amado. Carioca de nascimento, graduado em Direito (UERJ, 1977) e Teologia (PUC-Rio, 1982), mestre (1987) e doutor em Teologia (PUC-Rio, 1999). Professor de teologia na PUC-Rio até 2019 e no Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio de Janeiro, até 2017. Tem ênfase em Antropologia Teológica e Teologia Pastoral, atuando principalmente nos seguintes temas: evangelização, inculturação, pastoral urbana, teologia e urbanização. Bispo auxiliar do Rio de Janeiro e Secretário Geral da CNBB.

Organizadores do projeto



Geraldo Luiz De Mori. Bacharel em Filosofia (1986) e Teologia (1992) pelo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - CES - (Belo Horizonte, MG, atual Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE -); licenciado em Filosofia pela PUC Minas (1990); mestre (1996) e doutor (2002) em Teologia pelo Centre Sèvres - Facultés Jésuites de Paris (França); pós-doutorado (2011/2012) no Institut Catholique de Paris. Professor de teologia sistemática no Departamento de Teologia da FAJE. Líder do Grupo de Pesquisa Interfaces da antropologia na teologia contemporânea. Membro do Conselho Editorial das Revistas Concilium, Teología y Vida, do Grupo de Santiago (que estuda teologia prática). Reitor da FAJE desde março de 2018.



Lucimara Trevizan. Possui graduação em Pedagogia (1987) e em Filosofia (1991) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e graduação em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (1995). Possui especialização em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2001). Atualmente é diretora executiva do Centro Loyola - BH. Tem experiência na área de Teologia Pastoral. É coordenadora do curso de Especialização em Catequética da CNBB-Regional Leste 2 e PUC-Minas e do curso de Especialização em Teologia Cristã Contemporânea da FAJE-Centro Loyola.



Edward Guimarães. Doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas e mestre em Teologia pela FAJE. Licenciatura em Filosofia pela PUC Minas (2020), bacharel em Teologia (1996) e Filosofia (1992) pela FAJE. É professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário executivo do Observatório da evangelização. É membro da atual diretoria da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).

Cadernos Teologia Pública

N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ

N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer

N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher

N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM

N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes

N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta

N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ

N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho

N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner

N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ

N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ

N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ

N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García

N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor

N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ

N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess

N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch

N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch

N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel

N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould

N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles

N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM

N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos

N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald

N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel

N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana María Formoso

N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta

N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier

N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior

N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng

N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson

N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Victor Hugo Mendes

N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin

N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio

- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald

N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger

N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva

N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel

N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto

N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred

N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé

N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi

N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt

N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava

N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel

N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislando Nóbrega de Lima

N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto

N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda

N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier

N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro

N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight

N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan

N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil

N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald

- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaisa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli

N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral

N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle

N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier

N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori

N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad

N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff

N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira

N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares

N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald

N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira

N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins

N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto

N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann

N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber

N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais - Gilmar Zampieri

N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo

N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald

N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch

N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco

N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz

N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium digitalis*? Moisés Sbardelotto

N. 117 *Laudato Si’* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange

N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi

N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow

N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong

N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio

N. 122 *Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental* – Colby Dickinson

N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney

N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano

N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson

N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara

N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior

N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes

N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi

N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “*Familiaris Consortio*” de Wojtyła e “*Amoris Laetitia*” de

Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges

N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli

N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.

N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler

N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess

N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo

N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh

N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo

N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida

N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira

N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão *Intellige Ut Credas* – Orlando Polidoro Junior

N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa

N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa



UNISINOS

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

